



**Filhas de Babilonia**, por Aquilino Ribeiro — Ed. Aillaud & Bertrand.

Aquilino Ribeiro é dos escritores portugueses contemporâneos o que mais se preocupa com o estilo.

Suas novelas são de entrecosto lento, mui arrastado, mui detalhado, assinalando mais observação do que imaginação. Mas o que todas as novelas de Aquilino tem é uma grande opulência de galas estilísticas. Leitor de velhos catrapacios, ouvinte atento de diálogos populares, Aquilino conquistou um estilo, por vezes difícil, torturado, mas individual e belo.

E como é um estilo mui português, por vezes com construções arcaicas, mas sempre com um denso aroma nacional, Aquilino começou explorando a novela regionalista, a novela beirão, é dizer, o filão onde sua prosa mais podia brilhar.

Eu discordo, por razões que uma vez já expuz, a propósito mesmo de Aquilino, da literatura regional. Esta literatura tem sempre horizontes limitados, cria fronteiras aos leitores, diminua a expansão da beleza que o escritor criou. Cultiva-la seguidamente, cultiva-la por princípio, por sistema, é eleger mais cedo ou mais tarde a monotonia, é renunciar à mais bela virtude, à mais bela regalia que deve ter a arte — o internacionalismo.

O artista não deve ser regional, nem ainda nacional; todo o artista consciente de sua missão deve esforçar-se por ser internacional. E eu quando digo artista, refiro-me ao labor deste — refiro-me à sua Arte.

Nos últimos tempos apenas um escritor regional digno deste nome, atravessou as fronteiras — Mistral. Apenas um, entre os milhares que cultivam essa literatura. Os outros, ou demandam novos gêneros literários ou se limitam a um êxito local, satisfazendo-se com um triunfo que não é mais do que uma derrota em travesti...

A própria literatura russa, com a qual os regionalistas argumentam, não se internacionaliza por seu regionalismo. O que torna admirada e amada essa literatura nos outros países, não são os costumes que ela foca — são as almas que ela nos revela. Almas profundas, enormes, penumbradas de estarrecimentos, osculadas por outros soes, mas conduzindo sentimentos estranhos e eternos, são elas que internacionalizam os escritores que um dia as capturaram. O cenário, esplendido decerto, tem apenas o poder de avivar essas almas, de as explicar, de as tornar lógicas. Mas ao cabo e ao fim elas são sempre almas para ser observadas e analisadas pelos lentes do mundo e não como essas outras da literatura regionalista, que só merecem o enlevo de seus conterrâneos e, quando muito, de seus patricios...

Aquilino Ribeiro certamente fez também um dia a si próprio estas observações e acabou por resolver-se a tentar a novela internacional. E surgiram assim as «Filhas de Babilonia». Mas anos depois esse livro já não agradava a Aquilino e este «meteu-o de novo ao banco», para refundi-lo. E agora, as «Filhas de Babilonia», muito diferentes, em forma e

em numero, das primitivas, aparecem em terceira edição. «Os olhos deslumbados» e «A Maga», as duas novelas que constituem agora este livro, demonstram, sobretudo, a plasticidade estilística de Aquilino. É ainda o beirão da «Via Sinuosa» a escrever, mas sua prosa é mais leve, sem perder sua riqueza verbal.

Não é possível fazer, dentro do limitado espaço desta revista, a ampla análise que «Filhas da Babilonia» merecem e que já hoje merece toda a obra de Aquilino. Este escritor encontra-se numa altura da sua vida em que já não são necessários os adjetivos pueris e tantas vezes falsos — e tantas vezes prejudiciais aos próprios autores, pela confusão que estabelecem no espírito do público. O que Aquilino precisa é dum estudo concreto, sem falsas palavras de admiração, mas também sem o desejo de o denegrir. Um estudo que seja um balanço às suas virtudes e aos seus defeitos, um ensaio aos valores de sua obra. E esse, se não me antecederem, possivelmente o virei a fazer.

**O meu menino**, por Samuel Maia — Ed. Portugal-Brasil.

A obra já mui numerosa do dr. Samuel Maia, divide-se em dois gêneros — a do literato e a do medico.

Como literato, o dr. Samuel Maia tem alguns volumes de subido valor, que não ocupam ainda o lugar merecido, pela injustiça a que estão sujeitos os literatos que repudiam todo e qualquer cabotinismo. As tubas da publicidade, tão prodigas para tantos mediocres, têm sido avaras para Samuel Maia, que é um prosador vigoroso e brilhante — muito brilhante mesmo. «O Sexo Forte» e «A Luz Perpetua» são dois romances que merecem um destaque que ainda não lhes foi dado na literatura portuguesa.

Mas é a sua obra de medico que o dr. Samuel Maia vem agora acrescentar com a publicação de «O meu menino». Sob este título, tão cheio de ternura, encontra-se um verdadeiro manual da maternidade.

Não é uma obra literaria para a qual a critica deve convergir seus escalpelos. É uma obra destinada às mães, ou áquelas mulheres que a mães aspiram ser, uma obra escrita com muita simplicidade, para ser compreendida por todos. Num momento em que os problemas da procreação interessam seriamente aqueles que se preocupam com o futuro da humanidade, o livro do dr. Samuel Maia constitui um trabalho de grande valor social.

**Incoerencias**, por Umberto de Araujo — Ed. da «Lumen».

Um livro de pensamento, de filosofia, de paradoxo. Moderno e elevado. Muito do que ali se diz já está dito, desde os filosofos do pessimismo aos proceres do egotismo; muitas das ideias que Umberto de Araujo fixa, já deram pretexto a muitas e sonoras antiteses. Outras ainda são apresentadas pelo escritor com uma certa ingenuidade — esta doce ingenuidade de todos nós, quando as palavras se empenham em não traduzir a profundidade da ideia.

Contudo, Umberto de Araujo, de quem eu já conhecia alguns trechos de boa prosa, afirma-se um pensador sobrio, elegante, neste livro de que estou fazendo — «Incoerencias». E não é ao cabo e ao fim um incoerente; é um literato que sabe o que quer e que tem um grande sentido da Beleza.

**Três livros de versos: «Via Lactea»**, por Alvaro Fernandes; «Ao acaso», por Carlos Sacavem e «Outonaes», por Flora Castelo Branco.

Tenho, sobretudo, uma grande ternura pelos que principiam, pelos que não industrializaram ainda os teares do Sonho, pelos que ainda não desfizeram ao longo da vida o rosario das ilusões. Eu vejo sempre os literatos jovens subindo uma longa estrada, nessa hora em que os vultos se precisam ao longe, e deixando atrás de si um rastro de petalas — palidas e moribundas petalas desprendidas das rosas da Quimera.

E assim meu espirito se humedece de ternura e procura compreender e fraternizar com esses peregrinos do Sonho, que vão para longe, para o Triunfo ou para o Olvido, que são sempre duas coisas longinquoas.

É-me grata a severidade para os que já triunfaram, para aqueles que tem a responsabilidade dum nome e dum gloria — tantas vezes injusta e afrontosa! É-me agradável combater os idolos quando eles não são dignos de seus adoradores — e tantos existem a quem em breve o tempo reduzirá à sua condição de pó!

Mas ser severo para os que principiam, é-me demasiadamente doloroso, não por piedade, que seria sentimento indigno, mas por cumplicidade com seu grande sonho, com suas quimeras. Combate-os, seria combater algo de mim mesmo, algo que já me pertenceu e que — porque não confessa-lo? — me pertence ainda.

Esses versos, então, que se publicam na adolescência, que são ingenuos, efêmeros, que fazem perder o tempo a quem os lê, mas que trazem um grande sonho, um cortejo de anelos; esses versos que são osculados por tormentosas anciedades e que tantas vezes exigem, a quem os escreveu, um grande sacrificio para poder editá-los, comovem-me e fazem-me pensar enternecidamente em seus autores, enebriados com este opio denso, cheio de angustiosa volupia, que é a Vida Literaria. «Que marchem, que marchem! É bom que o Sonho tenha sempre novosromeiros!» — exclamo intimamente.

É isso que agora repito aqui a Alvaro Fernandes, que acaba de publicar um livro de versos — «Via Lactea». É isso que eu quizera repetir, com propriedade, a Carlos de Sacavem, pelo seu livro «Ao acaso» e a D. Flora Castelo Branco, pelo seu «Outonaes». Livros de versos, ingenuos, simples, que não podem estar dentro das exigencias da critica; livros que são estados de alma de seus autores, paginas intimas, brisa de ilusões, elas devem ser apenas registados com estimulo e com ternura.